

Até quando seremos insensíveis à crise hídrica?

Luiz Antônio Pereira¹

As imagens da Terra registradas do espaço revelam que a maior parte da superfície do planeta é coberta por água, cerca de 70%. Porém, a maior parte dessa água é salgada, um pouco mais de 97%, não sendo possível os seres humanos consumi-la sem o devido tratamento. E dos quase 3% de água doce no mundo, dois terços encontram-se nas calotas polares e nas cadeias de montanhas. Isso significa que temos realmente disponível para consumo humano menos de 1% da água existente no planeta. E a mesma encontra-se distribuída de forma irregular pela superfície terrestre.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU) divulgados em 2015, mais especificamente do Relatório Mundial sobre o Desenvolvimento de Recursos Hídricos, o consumo da água cresceu duas vezes mais do que o crescimento da população nas últimas décadas. Estima-se que o consumo poderá crescer mais 30% até 2050.

Atualmente, a ONU projeta que 30% da população mundial (um pouco mais de 2 bilhões de pessoas) não tem acesso à água potável e 60% (4,5 bilhões de pessoas) não possui saneamento básico seguro. Isso contribui diretamente para a perda da qualidade de vida de bilhões de pessoas e para o registro de milhares de óbitos evitáveis diariamente, sobretudo de crianças com menos de 5 anos de idade em países subdesenvolvidos. Além disso, não podemos desconsiderar as perdas econômicas resultantes, sobretudo, da falta de água.

Caso o crescimento do consumo de água realmente se concretize nas próximas décadas, os problemas listados anteriormente tendem a ser agravados. Surgirão conflitos no interior dos países e guerras internacionais pelo acesso à água, que, não por acaso, passou a ser denominada de “ouro azul” recentemente.

O fato é de que sem água não há vida ou atividade econômica. Entre as atividades humanas, o setor agropecuário é responsável por cerca de 70% de toda a água consumida no mundo, enquanto o setor industrial consome um pouco mais de 20% e os setores de comércio, serviços e residencial alcançam um pouco menos de 10%.

Em todos os setores listados há (e muito!) desperdício. Para agravar a situação, mais de 80% da água utilizada pelos seres humanos é despejada no meio ambiente sem tratamento ou reutilização.

Quando a situação era menos dramática, a ONU instituiu no dia 22 de março de 1992 a “Declaração Universal dos Direitos da Água”, composta por dez artigos. Desde então, a data tornou-se o “Dia Mundial da Água” para lembrar e enfatizar a importância da água.

Após quase três décadas, nos indagamos: “Até quando seremos insensíveis à crise hídrica?”. Afinal, para a maior parte das atividades produtivas existem técnicas relativamente simples e baratas para reduzir significativamente o consumo da água ou que permitem seu reuso.

No nosso cotidiano, pequenas mudanças de valores, hábitos e práticas resultariam na eliminação do desperdício e na diminuição do consumo sem gerar qualquer custo econômico.

¹ Luiz Antônio Pereira, doutor em Geografia e professor do curso de Pedagogia do UNIFESO. E-mail: luizantoniorj@hotmail.com

Como você, leitor ou leitora, usa a água no dia a dia? O que tem feito para reduzir o desperdício e a poluição na sua residência, no ambiente escolar e/ou de trabalho, no bairro em que mora e no município em que vive?

Primeiramente, temos que repensar e mudar a nossa relação com a água no cotidiano de forma a evitar o desperdício, reduzir o consumo, inserir o reuso e devolvê-la ao meio ambiente o menos poluída possível. Tenho certeza de que, se você realizar uma rápida pesquisa na internet, irá descobrir diversas maneiras de contribuir para termos, no presente e no futuro, água em quantidade e qualidade.

Depois, é preciso conversar com familiares, parentes, vizinhos, representantes do local em que vive e do município em que mora, a sociedade como um todo. E, juntos, sensibilizá-los e mobilizá-los para construirmos outra relação com a água.